

## 1. INTRODUÇÃO

A observação clínica deve ser o resultado de uma visão ampla e atenta que ocorre durante um atendimento (Eksterman, 1977), onde o observador deve focar sua atenção na situação observada utilizando os sentidos, visando obter aspectos (Lakatos e Marconi, 2003, p. 190) ou fenômenos que possam surgir durante a atividade proposta tanto no que se refere ao profissional atuante quanto ao paciente. A atenção na observação segundo Barbier (2002) nada mais é do que a plena consciência de se estar com aquilo que é, aqui e agora, no mínimo gesto, na mínima atividade. Isto é, estar em um estado de hipervigilância, de suprema atenção.

Segundo Ander-Egg (apud Lakatos e Marconi, 2003) a observação pode ser classificada em quatro tipos: a) segundo os meios utilizados em estruturada e não-estruturada; b) quanto à participação do observador em observação participante e não-participante; c) quanto ao número de observações, se em individual ou em equipe e; d) quanto ao lugar onde a mesma se realiza, podendo ser uma observação efetuada em vida real ou em laboratório.

A observação, para ser efetiva, requer embasamento teórico que oferece subsídios para o observador no sentido de conduzi-lo aos aspectos que se quer observar com atenção focada, pois o ato de observar é influenciado pelo conhecimento prévio e impregnado de teorias (Moreira e Ostermann, 1993)

Além da teoria antecipada à observação, outro ponto importante a ser considerado é o "ouvir". Na relação do profissional de saúde com o paciente, além do aspecto visual da observação que está impregnada de objetividade, de análise da doença e do paciente, o ouvir traz o aspecto subjetivo, a análise do histórico do paciente e do mesmo como sujeito. Assim a integração entre ver e ouvir proporciona uma melhor compreensão da situação observada. Porém todo bom trabalho realizado pode ser influenciado por componentes inconscientes tanto do profissional como do paciente, assim como processos transferências e contratransferências. Por isso, é necessário por parte do profissional, uma boa resolução de seus conteúdos internos, para evitar durante o contato com o paciente o surgimento de frustrações, mecanismos de defesa ou qualquer outro fator que possa influenciar na sua observação (Eksterman, 1977).

Para se fazer uma boa observação é necessário estar atendo a "escuta" no atendimento, porém para a área da medicina e da musicoterapia isso se aplica de maneira distinta. No campo da medicina não se percebe muita distinção entre o ouvir e escutar, sendo estes são muitas vezes usados como sinônimos; já no campo da musicoterapia (e música) entende-se o ouvir como "captar fisicamente a presença do som" e o escutar como "colocar a atenção, volitiva ou reativamente, sobre o que se está ouvindo" (Queiroz, 2001). Sendo assim, na musicoterapia é necessário escutar o que se ouve para entender a relação entre o sonoro musical e paciente

Ainda com relação à escuta temos o conceito de escuta sensível, que pode ser muito bem utilizado na observação clínica. Segundo Barbier (2002) a escuta sensível "trata-se de um escutar-ver" (Krishnamurti, 1994 apud Barbier, 2002) baseado na empatia, onde deve-se "reconhecer a aceitação incondicional de outrem." O ouvinte sensível não julga, não mede, não compara. Na realidade, ele é capaz de compreender sem se envolver

com as opiniões pré-concebidas (Barbier, 2002).

Dentre os diversos contextos onde a observação é utilizada, temos a observação na formação dos profissionais de saúde, dentre eles os musicoterapeutas e médicos, que é o contexto abordado nesse trabalho. A observação realizada por estudantes dos referidos cursos consiste em observar a atuação de profissionais, buscando subsídios para o momento em que o observador for para o campo da atuação prática.

Pensando na observação clínica podemos refletir em como tudo isso pode contribuir para um melhor aprendizado, tendo em vista que o observador pode utilizar seus sentidos para uma melhor compreensão do atendimento realizado

Após a experiência em cursar a disciplina "observação de prática clínica" no curso de graduação em musicoterapia, a autora sentiu o interesse em saber qual a visão de outros estudantes quanto à mesma experiência. Ao buscar referencial teórico acerca do que seria esse tipo de observação e como a mesma era utilizada em cursos de graduação observou-se a escassez de material no assunto. Assim objetivando o conhecimento e a disposição de material sobre observação realizou-se o projeto dessa pesquisa.

A observação é também uma prática acadêmica que acompanha os desafios e tendências profissionais do Século XXI, haja vista a política da práxis que visa integrar, dentro dos currículos acadêmicos, a teoria-prática no sentido de possibilitar ao aluno um aprendizado mais real e humanizado. Sabendo disso a presente pesquisa busca avaliar a percepção de estudantes com relação à observação da prática clínica durante a formação do profissional.

A pesquisa tem enfoque de base quantitativa e se limita a questionar acerca da observação, onde o sujeito observador será um estudante de Musicoterapia ou Medicina. O mesmo deverá estar passando ou já ter passado por esta experiência em algum momento de sua formação acadêmica, estes responderão a um questionário onde serão analisados aspectos com relação à percepção dos alunos quanto a prática da observação.

O questionário possui questões acerca do tempo de duração da prática da observação, se orientada ou não por um professor, avaliação do aprendizado decorrente da observação, etc. O mesmo deverá ser respondido por sujeitos que tenham acima de 18 anos.

O projeto da pesquisa será encaminhado a Comissão de pesquisa da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e após a avaliação por esta, ao Comitê de Ética da UFG. Após a aprovação será dado início a coleta de dados na UFG, UNIRG e Universidade Católica de Brasília (UCB).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética será dado início a coleta de dados com a aplicação dos questionários; os mesmos serão avaliados e interpretados segundo o programa Epidata versão 6.0.

Espera-se que este estudo possa trazer, além da contribuição bibliográfica fomento para a prática da observação clínica durante formação dos estudantes dos cursos pertencentes à área da saúde.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. Escuta sensível na formação de profissionais da saúde. Paris. Tradução Davi Gonçalves. Disponível em: <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF> Acesso em: 19 abr. 2009.
- EKSTERMAN, Abram. Relação médico-paciente na observação clínica. In: XV Congresso BPanamericano de Gastroenterologia. Rio de Janeiro 1977. Disponível em: [http://www.medicinapsicossomatica.com/doc/relacao\\_medicipaciente\\_obsclinica.pdf](http://www.medicinapsicossomatica.com/doc/relacao_medicipaciente_obsclinica.pdf) Acesso em: 10 abr. 2009.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica – 5ª ed. – São Paulo: Atlas 2003.
- MOREIRA, Marco Antônio & OSTERMANN, Femanda. Sobre o ensino do método científico.- Porto Alegre- RS: Instituto de Física – UFRGS Disponível em: <http://www.fsc.ufsc.br/cbef/port/10-2/artpdf/a1.pdf> Acesso em: 16 jan. 2009.
- QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. A música compõe o homem O homem compõe a música. 1ª Ed. São Paulo. Editora Cultrix. 2001.

## 16- A música na escola. Sons e melodias que permeiam o processo de inclusão escolar numa escola de ensino fundamental em Curitiba. Magali Ferreira Pinto Dias/PR<sup>1</sup> e Rosemyrian Cunha/PR<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa, em andamento, tem por objetivo estudar das atividades musicais e musicoterapêuticas que são desenvolvidas em uma escola de Ensino Fundamental em Curitiba, a qual tem, em seu quadro discente, alunos de inclusão e/ou com necessidades especiais. Para este fim foram aplicados e analisados protocolos de observação, elaborados para esta pesquisa, onde se registrou as reações físicas, cognitivas e emocionais dos alunos no decorrer de atividades e interações musicais. Os resultados parciais mostraram que a música, quando elemento mediador da comunicação em musicoterapia possibilitou, para este grupo de crianças, formas abertas e alternativas de expressão sonora, afetiva e cognitiva.

Palavras-chave: Musicoterapia, Música e Inclusão.

### ABSTRACT

This work aims to study musical activities developed in music classes and Music Therapy practices which took place in a Fundamental School in Curitiba. The school was interested in inclusive ways of teaching and living together with students who have special needs. Observation protocols have been created for this research and applied to record information about physical, mental and emotional expressions from eight students during musical interactions. The results revealed that music, as a communication mediating element in Music Therapy, became an alternative for cognitive and emotional expression that could help inclusive and educational practices.

Key-words: Music. Music Therapy. Inclusive school

### 1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais na escola de ensino regular tem sido um tema presente nas reflexões a respeito da rotina escolar. Entram nesses debates temas como a capacitação dos professores, o preconceito frente ao que é diferente e as condições gerais das escolas para receber e conviver com os estudantes em processo de inclusão (NEVES e MENDES, 2001).

---

<sup>1</sup> Graduanda em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná.

Email: mgldias@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora do Projeto de Pesquisa da Faculdade de Artes do Paraná. Licenciada em Música (EMBAP), Musicoterapia (FAP), Especialização em Gerontologia (UTP), Especialização em Psicopedagogia (UFRJ), Gerontóloga (SBGG), Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência (UFPR), Doutorado em Educação (UFRJ), Coordenadora do Centro de Estudos e Atendimentos em Musicoterapia Clotilde Leinig (FAP), líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Interdisciplinares em Musicoterapia. Email: rose05@uol.com.br